

## CABRIÚVA

Carlos Omar Villela Gomes

O vento vil não me verga  
Nem quebra a fibra da estampa  
Que o lombo forte do pampa  
Um dia viu florescer;  
Não me derrubam tormentas  
Em seus laços de chuva...  
Sou cerne, sou cabriúva  
Com cismas de amanhecer.

O vento vil não soluça  
As coisas que eu solvei...  
Desde o começo firmei  
Raízes no mesmo chão;  
Por vezes sou solidão,  
Por outras, asas e ninhos,  
Brotando dos passarinhos  
Que moram no meu violão!

Lonjuras, ah, lonjuras que me miram  
No fundo desta biboca que insisto em chamar  
querência!  
Parecem dizer da minha sede,  
Parecem zombar da minha fome...  
Ah, lonjuras que me miram  
Com a mesma fúria dos homens!

Tem homem que é corunilha,  
Forte, guapo e espinhento...  
Por desconfiado não mostra  
A luz do seu fundamento.  
É valente, resistente,  
Mas sofre por ser sozinho...  
Pois afastou sua gente  
Com seus puaços e espinhos!

Tem índio que é uma figueira...  
Tem sempre os braços abertos  
Pra acolher em sua sombra  
Quem vaga em rumos desertos!  
Firma as raízes no chão  
Buscando o fundo mais fundo...  
E quanto mais se enraíza  
Mais abre os olhos pra o mundo!

Tem uns que são cambará...  
São meio tortos de tronco  
Mas apegados na terra!  
Uns outros são tarumã...  
Copa frondosa na paz...  
Fruto e sustento na guerra!

Uns outros são cinamomo...  
Oferecem boa sombra,  
E os frutos, que alguns desprezam,  
Pra quem sabe, tem valia;  
Mais alguns são aroeira,  
Pois passam a vida inteira,  
Em sua sina traiçoeira,  
Sem saber se é noite ou dia.

Tem uns que se vão ao mundo...  
Se perdem pelo caminho  
E voltam de alma cansada,  
Mais seca que nó de pinho!

São espininhos, angicos...  
Tem homem de todo jeito!  
Pois todo homem é a soma  
De virtudes e defeitos;  
Almas claras, almas turvas...  
Eu mesmo sou cabriúva  
Pelo que trago no peito!

Sou cabriúva senhores!  
Casca bruta e ramos toscos  
Pra enfrentar as mazelas  
Que massacram o meu povo!  
Mas quando amainam queixumes,  
No cerne tenho perfumes  
Pra o mais bonito dos sonhos!

Sou cabriúva plantada  
No ventre dessa inconstância,  
D'onde assisto à distância  
O cruzar de tantas luas;  
Se a vida ofende, me entono,  
Retovado em casca bruta...  
Mas quando termina a luta  
Perfumo a noite xirua.

Por isso sou cabriúva,  
Casca grossa, alma em perfume...  
Criando meu próprio lume  
Entre os clarões da existência;  
Sorvendo a vida na essência  
Que a própria vida provoca...  
No fundo desta biboca  
Que insisto em chamar querência!